

Luís Roberto Barroso*

ADPF das Favelas: Uso proporcional da força policial e respeito aos direitos humanos

Não há solução simples para problemas complexos. A violência urbana no Rio de Janeiro é um desses problemas. A recente decisão do Supremo Tribunal Federal na Ação de Descumprimento de Preceito Fundamental (ADPF) 635, resultado de uma composição difícil, reitera, como destacamos no voto, que não pode haver antagonismo entre a proteção de direitos humanos e fundamentais e a construção de políticas de segurança pública compatíveis com a Constituição. Foi a primeira vez que a Corte proferiu um voto único. O consenso exigiu escuta e concessões.

A Corte reconheceu que o Estado do Rio de Janeiro tem demonstrado compromisso em melhorar sua política de segurança pública e garantir proteção para cidadãos e agentes policiais. Entre 2019 e 2023, houve redução nas mortes causadas por agentes do Estado, no número de policiais mortos e nos índices de criminalidade. São avanços relevantes. Mas persistem graves violações de direitos, inclusive por parte do crime organizado. Diante disso, o Supremo determinou medidas complementares e mecanismos de monitoramento.

Abandonou-se a lógica da excepcionalidade das operações policiais, criada durante a pandemia, em favor de um modelo que envolve uso proporcional da força, planejamento prévio e controle posterior, inclusive por parte do Ministério Público, que precisa assumir seu papel constitucional de controle externo das polícias. O Estado de Direito exige controle para proteger a vida.

Por isso, a decisão determinou também: divulgação de dados sobre letalidade; preservação do local de crime com comunicação ao MP; câmeras em fardas e viaturas; perícia independente; assistência à saúde mental dos agentes policiais; critérios para afastamento em casos de morte; regras para buscas domiciliares e operações próximas a escolas; ambulâncias em operações planejadas; relatórios detalhados e rastreio de provas. Tudo para garantir transparência, responsabilidades e prevenção de abusos.

A decisão também quer alcançar a estrutura do crime organizado. A Polícia Federal deverá investigar o tráfico com conexões interestaduais e internacionais, com rastreamento de fluxos financeiros pelo Conselho de Controle de Atividades Financeiras(Coaf). Além disso, o Estado terá que apresentar um plano de reocupação de territórios dominados por facções criminosas.

Para acompanhar tudo isso, deverá ser criado um grupo de trabalho, coordenado pelo Conselho Nacional do Ministério Público, responsável por relatórios técnicos com dados sobre a política de segurança no Rio. Controle e transparência são essenciais numa democracia.

Vivemos hoje o paradoxo da insegurança permanente. O crime impõe toque de recolher, dita normas, ocupa territórios. Em reação, parte do aparato público atua de forma arbitrária e sem controle. Nenhuma sociedade civilizada pode aceitar essa equação. O Supremo não resolveu, nem poderia resolver, o problema da segurança. Mas

fixou balizas fundamentais para enfrentá-lo com legalidade, firmeza e humanidade.

É preciso agora ir além da decisão judicial. Segurança pública não é bandeira da direita ou da esquerda — é uma agenda de cidadania. Se a política não apresentar propostas eficazes e responsáveis, abrirá espaço para soluções autoritárias.

A desigualdade, sem dúvida, está na raiz da violência. Mas pobreza não pode ser sinônimo de desproteção. A mãe no transporte público, o entregador de moto, o jovem que quer voltar vivo para casa — todos têm direito à segurança. A democracia falha quando não os alcança.

É possível e necessário combinar autoridade com legalidade, firmeza com respeito aos direitos. A decisão dos 11 ministros do STF aponta nessa direção. Nem omissão, nem truculência. Apenas o cumprimento da Constituição, para todos, em todos os lugares.

***Presidente do Supremo Tribunal Federal e do Conselho Nacional de Justiça**

Sérgio Cabral*

Novo Maracanã

Hoje, o estádio de futebol mais famoso do mundo completa 75 anos: o Maracanã. Tenho muito orgulho de ter feito a grande obra de reforma e modernização do Maracanã, inaugurada em abril de 2013.

Tivemos que fazer um novo estádio mantendo o anel superior do velho estádio, exigência feita pelo Iphan, o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Brasileiro e, ao mesmo tempo, cumprir todas as exigências da Fifa, a Federação Internacional de Futebol.

O caderno de encargos da FIFA, cujo objetivo é tornar os estádios de futebol equipamentos dignos e confortáveis e, ao mesmo tempo, de visibilidade plena para os espectadores, inviabilizava o estádio para qualquer competição internacional. Todas as obras anteriores de reforma foram pífias.

Assumi o governo em janeiro de 2007 com a responsabilidade de concluir uma obra que havia sido paralisada no governo anterior, que não permitiria ao estádio competir por eventos internacionais da Fifa, mas que atenderia aos Jogos PanAmericanos previstos para agosto daquele ano, no Rio. Claro que foquei na conclusão da obra. Mas com a certeza que era mais uma das reformas parciais que o estádio havia sofrido desde a sua inauguração, em 16 de junho de 1950.

Em janeiro de 2008, em Zúrique, na sede da Fifa, o Brasil conquistou a sede da Copa das Confederações de 2013 e da Copa do Mundo de 2014. Com a obrigação de tornar os seus estádios capazes de receber os eventos. Em outubro de 2009, o Rio conquistou a sede dos Jogos Olímpicos e Paralímpicos de 2016. Tínhamos muito trabalho pela frente.

E o maior desafio estava posto para a minha equipe, liderada pelo engenheiro Ícaro Moreno, então presidente da Emop, a Empresa de Obras Públicas do Estado: reformar e modernizar o Maracanã, tendo que manter o anel da parte superior, tombado pelo Iphan, o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Brasileiro. Imagine, cara leitora, caro leitor, ter que refazer todo o estádio, desfazer-se da cobertura, verticalizar todos os assentos e, ao mesmo tempo, manter o anel superior por exigência de tombamento do patrimônio histórico?

Durante as obras, que começaram em 2011 e foram até junho de 2013, recebemos dezenas de delegações de engenheiros, estudantes de engenharia e especialistas do mundo inteiro, impressionados com o que estávamos realizando no Rio de Janeiro, isto é, fazer um novo estádio preservando o seu anel superior. Fui a Londres para a inauguração de Wembley. Lá, eles demoliram o velho estádio de 1923, e construíram um novo.

A cobertura do Maracanã foi demolida, tendo em vista a sua deterioração estrutural ao longo das décadas e por não

cobrir 70% dos torcedores. Em seu lugar, uma cobertura tensionada com tecnologia alemã com uma membrana hiper sofisticada, que passou a cobrir de verdade mais de 90% dos espectadores.

A arquibancada do velho estádio foi condenada pela Fifa como imprópria. Havia centenas de pontos cegos. Além da sua própria configuração de cimento extremamente desconfortável. Demolimos a velha estrutura, verticalizamos a nova de acordo com os padrões da Fifa e, obviamente, colocamos cadeiras, cujas cores dão um lindo efeito, ao lembrar a nossa bandeira.

O novo estádio ganhou centenas de câmeras e um centro de monitoramento e controle. Uma nova drenagem do gramado foi feita. O espectador mais próximo do campo está, hoje, a 10 metros de distância. O escoamento do estádio é feito de maneira dinâmica e rápida, graças aos novos acessos. Na acessibilidade aos PCDs nem se fala. Era impossível frequentar o velho estádio.

A iluminação era uma tragédia. Hoje ela permite, inclusive, a customização das cores do clube anfitrião da partida. Os placares com telas super modernas foram instalados. A estrutura para a imprensa trabalhar é outra. Os vestiários dos atletas e dos árbitros nem se comparam com o passado. Os camarotes são disputadíssimos pela sua qualidade. Cerca de 280 banheiros foram cons-

truídos. Quem frequentou o velho estádio, lembra bem do que eram os banheiros do Maracanã...

Enfim, poderia fazer diversos artigos sobre a façanha de fazer em menos de três anos o Novo Maracanã. Mas o que mais toca a minha memória é lembrar dos trabalhadores da obra. A empolgação com que se dedicavam. O aprendizado com os profissionais estrangeiros contratados. Chegamos a ter 7 mil trabalhadores no pico da obra. Eram muitos idiomas falados entre técnicos e engenheiros que faziam o suporte de tecnologias compradas da Alemanha, Espanha, Suíça, entre outros países. No dia da inauguração do novo estádio, num jogo festivo entre o time do Beбето e outro do Ronaldo Fenômeno, nossos convidados especiais foram os trabalhadores da obra e suas orgulhosas famílias. No dia da inauguração oficial pela Fifa, precedendo a Copa das Confederações, o jogo foi Brasil x Inglaterra (na inauguração de Wembley foi Inglaterra x Brasil). Marcante foram os comentários da imprensa internacional, embasbacada com o novo estádio.

Ontem, foi dia de voleibol no Novo Maracanãzinho, também nosso legado. Mas isso é pra outro artigo. Hoje, é dia de celebrar os 75 anos do estádio mais incrível do planeta.

***Jornalista. Instagram: @sergiocabral_filho**

EDITORIAL

Um jornal direito e direto ao leitor

Em 11 de setembro de 1969, quando Niomar Moniz Sodré Bittencourt escreveu o editorial “A Retirada”, muitos poderiam pensar que era o fim do jornal Correio da Manhã. Passados 50 anos, em 13 de setembro de 2019, um editorial intitulado “A Retomada” profetizada aquilo que a baiana mencionava, que o Correio voltaria forte e seguindo as mesmas diretrizes que o fez ser o jornal do Distrito Federal.

Com o publisher Cláudio Magnavita, o Correio da Manhã cresceu. Hoje, o jornal não tem apenas a edição na capital federal, como também no Rio de Janeiro e a Nacional. Além disso, o grupo possui o Correio Petropolitano e o Correio Sul-Fluminense, consolidando sua marca em todo o estado do Rio de Janeiro, sendo o segundo jornal mais lido dos fluminenses.

Com quatro centros de rotativas, sendo duas em Brasília, uma em Petrópolis e outra em Volta Redonda, o Correio da Manhã hoje vai além de um jornal, e sim uma marca forte e consolidada no meio jornalístico nacional.

E quem diria que em 124 anos de história o jornal iria cobrir grandes fatos marcantes do Brasil e do Mundo, como a copa de 1950 e a morte de Pelé; a coroação e a morte de Elizabeth II; sete conclaves papais, com uma cobertura do pontificado do primeiro papa sul-americano, primeiro jesuíta e o primeiro a home-nagear São Francisco de Assis, tendo escolhido como nome papal Francisco; as guerras no Oriente Médio; Olimpíadas e Copa do Mundo; o primeiro Mundial de Clubes da Fifa; a coroação de Charles III; a eleição do primeiro papa norte-americano; eleições polarizadas no Brasil, em clima de guerra entre direita e esquerda; o crescimento de uma onda conservadora no Congresso Nacional; tantos fatos e acontecimentos que não cabem ser ditos neste espaço editorial.

O Correio da Manhã ainda tem muito para se expandir e, nestes 124 anos de história, tem muito ainda a contar novos fatos e acontecimentos que virão por este Brasil e Mundo. Nosso jornalismo é direito, fazendo o leitor pensar em como deve seguir e tomar a melhor decisão. Se quiser saber primeiro, leia o Correio da Manha!

Assunto sério e polarização besta

A escalada entre Israel e Irã, com bombardeios cruzados, mortes de civis e ameaças de retaliação que ecoam por todo o Oriente Médio, não é um embate comum. Trata-se de um capítulo grave em uma longa e complexa história de disputas políticas, religiosas, territoriais e ideológicas que ultrapassa fronteiras, governos e gerações. No entanto, mesmo diante da seriedade da situação, com potencial para desdobramentos globais, assistimos no Brasil a um fenômeno lamentável: a tentativa de encaixar esse conflito milenar dentro da lógica rasa da polarização política doméstica.

Transformar um embate geopolítico de proporções históricas em um ringue de direita contra esquerda, como vemos nas redes sociais brasileiras, não apenas empobrece o debate. Ele desinforma.

Ao reduzir essa guerra a um jogo de torcida organizada, como “sou a favor de Israel porque sou de direita” ou “defendo o Irã porque sou antiimperialista”, parte da sociedade brasileira revela uma desconexão preocupante com a realidade internacional. O conflito entre Israel e Irã não começou agora e tampouco acabará com a eleição de um ou outro presidente no Brasil. Ele está inserido em disputas de poder regionais, em conflitos religiosos que envolvem sunitas, xiitas e judeus, e em questões estratégicas como o programa nuclear iraniano e a ocupação de territórios palestinos.

O mundo assiste, em alerta, ao desenrolar dessa tensão com a possibilidade real de que outras nações sejam arrastadas para o confronto. Os Estados Unidos, o Reino Unido e a França já foram citados como possíveis alvos, caso avancem na defesa de Israel.

Opinião do leitor

Solidariedade

Temperaturas despencam. Estamos sofrendo com essa semana gelada em vários Estados do Brasil com essa onda de frio. Se estamos sentindo frio mesmo agasalhados e dentro de casa, imagine os moradores de rua. Nós, que somos privilegiados, não podemos esquecer deles. A hora de ajudar é agora.

José Ribamar Pinheiro Filho
Brasília - Distrito Federal

O CORREIO DA MANHÃ NA HISTÓRIA * POR BARROS MIRANDA



HÁ 95 ANOS: PAZ NA ÍNDIA DEPENDE DE MAHATMA GANDHI

As principais notícias do Correio da Manhã em 12 de junho de 1930 foram: Carol é proclamado rei pela Assembleia de Bucareste e pres-

tuou juramento sob uma das maiores popularidades que um soberano já recebeu na Romênia. Torna-se extremamente violenta a luta na Chi-

na, com os nacionalistas matando 20 mil nortistas e prendendo outros 10 mil. Liberação de Ghandi está entrelaçada à paz na Índia.

HÁ 75 ANOS: CAMPANHA DE EDUARDO GOMES COMEÇA EM MINAS GERAIS

Minas Gerais e organiza comitê no Centro do Rio. Greve da rede mineira de viação entrou no 11º dia. Delegações da Hungria e da

Tchecoslováquia não vão enviar comissões para a Assembleia-Geral da Unesco. Inglaterra recosa com o Plano Schuman.

Correio da Manhã
Fundado em 15 de junho de 1901

Edmundo Bittencourt (1901-1929)
Paulo Bittencourt (1929-1963)
Niomar Moniz Sodré Bittencourt (1963-1969)

Patrick Bertholdo (Diretor Geral)
patrickbertholdo@correiodamanha.net.br

Cláudio Magnavita (Diretor de Redação)
redacao@jornalcorreiodamanha.com.br

Redação: Ive Ribeiro, Marcelo Perillier, Pedro Sobreiro e Rafael Lima

Serviço noticioso: Folhapress e Agência Brasil

Projeto Gráfico e Arte: José Adilson Nunes (Coordenação) e Thiago Ladeira

Telefones (21) 2042 2955 | (11) 3042 2009 | (61) 4042-7872

Whatsapp: (21) 97948-0452

Rio de Janeiro: Av. João Cabral de Mello Neto 850 Bloco 2 Conj. 520

Rio de Janeiro - RJ CEP 22775-057

Brasília: ST SIBSQuadra 2 conjunto B Lt 10 - Nucleo Bandeirantes

Brasília - DF CEP 71736-202

www.correiodamanha.com.br

Os artigos publicados são de exclusiva responsabilidade dos autores e não necessariamente refletem a opinião da direção do jornal.